



# Gramática Gerativo-Transformacional na origem da Programação Neurolingüística (PNL)

Regina Maria Azevedo **1**

**Resumo:** A Programação Neurolingüística (PNL) surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, como um misto de ciência da comunicação e psicoterapia. Seus criadores, Richard Bandler e John Grinder, tomaram por base, dentre outras fontes, a Gramática Gerativo-Transformacional (GGT) de Noam Chomsky. No presente artigo, exploramos os pontos de tangência entre as duas teorias, a partir do “metamodelo”, pressuposto teórico básico da PNL, especialmente no que se refere ao conceito de “derivação”, conforme concebido por Chomsky.

A Programação Neurolingüística (PNL) surgiu nos Estados Unidos em meados dos anos 70; entretanto, a teoria e a aplicação de seus conceitos básicos ganharam destaque no Brasil somente na década passada. Seus criadores, o analista de sistemas Richard Bandler e o lingüista John Grinder, basearam-se na gramática transformacional de Noam Chomsky, no pensamento sistêmico de Gregory Bateson, no modelo de terapia familiar de Virginia Satir, na hipnoterapia de Milton H. Erickson e na gestalt-terapia de Fritz Perls (Spritzer, 1993: 31-2). Desde então, poucos estudos dedicaram-se a verificar seus efeitos – especialmente no que se refere à linguagem – e sua relevância no cenário nacional.

Bandler, matemático que também estudou psicologia na pós-graduação, especializou-se em computação na Universidade da Califórnia, Santa Cruz. No campus de San Diego da mesma Universidade, Grinder graduou-se em lingüística, especializando-se em sintaxe e na teoria da Gramática Transformacional de Noam Chomsky.

Enquanto Bandler buscava elementos para alicerçar suas idéias fundamentadas na comparação do cérebro humano com um computador (*hardware*), Grinder pesquisava a linguagem verbal e corporal, buscando revelar “a gramática oculta do pensamento e ação”, vislumbrando a mente humana como um conjunto de programas (*softwares*) ali inseridos através de *inputs* sensoriais.

Ao descobrirem a semelhança de seus interesses, “*decidiram combinar os respectivos conhecimentos de computação e lingüística, junto com a habilidade para copiar comportamentos não-verbais, com o intuito de desenvolver uma ‘linguagem de mudança’*” (Andreas & Faulkner, 1995: 33). Os objetivos comuns entre os pesquisadores culminaram com o nascimento do projeto batizado posteriormente de “Programação Neurolingüística”, que buscava programar (ou reprogramar) o cérebro humano, empregando códigos verbais e não-verbais.

As duas primeiras obras assinadas por Bandler e Grinder entre 1975-1976<sup>2</sup> não fazem menção direta ao termo, deixando de apresentar sua definição *ipsis litteris*. No site americano endossado por Bandler, *The Society of Neuro-Linguistic Programming™* (fundada em 1978<sup>3</sup>), a PNL é assim definida:

*Programação – a habilidade de organizar nossa comunicação e sistemas neurológicos para alcançar metas e resultados específicos e desejados;*

*Neuro – sistema nervoso através do qual a experiência é recebida e processada por meio dos cinco sentidos;*

*Lingüística – sistema de linguagem e de comunicação não-verbal através dos quais as representações neurais são codificadas, ordenadas e adquirem sentido<sup>4</sup>.*

No livro *Neuro-Linguistic Programming vol. I: the study of the structure of subjective experience*, em que Bandler e Grinder figuram como co-autores ao lado de seus colaboradores Robert Dilts e Judith De Lozier, a PNL também é apresentada em consonância com as definições anteriores:

“Neuro” (derivado do grego *neuron* como em *nervo*) significa o princípio fundamental de que todo comportamento é o resultado de um processo neurológico. “Lingüística” (derivado do latim *lingua* como em *linguagem*) indica que os processos neurais são representados, ordenados e colocados seqüencialmente em modelos e estratégias através da linguagem e dos modelos de comunicação. “Programação” refere-se ao processo de organizar os componentes de um sistema (representações sensoriais, neste caso) para adquirir resultados específicos (Dilts et al., 1980: 2)<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Referimo-nos aos volumes I e II de “A estrutura da magia”, respectivamente. A estrutura da magia I: um livro sobre linguagem e terapia, e The structure of magic II: a book about communication and change, (sem tradução para a língua portuguesa.)

<sup>3</sup> <http://www.purenlp.com/nlpis1.htm>

<sup>4</sup> Tradução nossa.

<sup>5</sup> Apesar da declarada co-autoria de Bandler e Grinder, Dilts, na qualidade de organizador, encabeça a lista dos autores da obra, motivo pelo qual dá entrada a essa referência bibliográfica. Tradução nossa.

Na introdução da mesma obra, Dilts destaca:

Programação Neurolingüística é a disciplina cujo domínio é a estrutura da experiência subjetiva. A PNL não tem compromisso para com a teoria, mas tem antes o status de um modelo – uma coletânea de procedimentos cujo valor pode ser medido através da utilização e não da veracidade. A PNL apresenta ferramentas específicas que podem ser aplicadas efetivamente em cada interação humana. Oferece técnicas específicas por meio das quais um praticante pode organizar e reorganizar de maneira útil sua experiência subjetiva ou as experiências de um cliente a fim de definir e depois obter qualquer resultado comportamental (Id.: vii).

Outras definições de PNL bastante divulgadas pelos seguidores de Bandler e Grinder seguem na linha da subjetividade e apresentam-na como “a arte e a ciência da excelência, ou seja, das qualidades pessoais” e “o estudo da estrutura da experiência subjetiva” (O’Connor & Seymour, 1995: 19); ou ainda, segundo o próprio Dilts, “um modelo comportamental e um conjunto de habilidades e técnicas [...] derivadas da observação dos padrões de excelência de especialistas em vários campos de comunicação profissional, incluindo psicoterapia, negócios, saúde e educação” (Dilts, 1998: 271).

Vê-se, portanto, que o termo “neurolingüística” é empregado em desconformidade com o sentido comum à Lingüística, segundo a qual

A neurolingüística é a ciência que trata das relações entre as perturbações da linguagem (afasias) e os prejuízos das estruturas cerebrais que elas implicam. A hipótese fundamental da neurolingüística é que existe uma relação entre as formas de desorganização verbal, que podem ser descritas conforme os diversos modelos lingüísticos (distribucional ou estrutural, transformacional e gerativo), e os tipos patológicos estabelecidos pelo neurologista na base da localização da lesão responsável (Dubois et al., 1993: 431).

Conforme referido na PNL, o termo não tem, pois, conexão com a definição clássica dessa ciência, que se ocupa com os sintomas de certos tipos de patologia neurofisiológica. Nas palavras de Bandler,

A PNL simboliza, entre outras coisas, uma maneira de se examinar o aprendizado humano. Mesmo que muitos psicólogos e assistentes sociais usem a PNL para fazer o que chamam “terapia”, acho mais apropriado descrevê-la como sendo um processo educacional. Estamos, essencialmente, desenvolvendo formas de ensinar às pessoas a usarem o seu cérebro. A maioria das pessoas não usa o seu cérebro de maneira ativa e refletida. O cérebro é uma máquina que não pode ser desligada. Se você não lhe der algo para fazer, ele continuará a funcionar até cansar. Se alguém for colocado em um desses recipientes de privação sensorial o seu cérebro começará a gerar experiências internas. Se o seu cérebro não tiver o que fazer, ele vai começar a fazer alguma coisa, sem se importar com o que seja. Você talvez se importe, mas ele não (Bandler, 1987: 19).

Assim, de acordo com esta proposta, uma eventual “desorganização verbal” se apresentaria não como uma anomalia propriamente, mas como uma disfunção fundamentada no uso inadequado – desestruturado – da linguagem na construção do sentido. Um abismo metafórico se interporia entre o **dizer** e o **dito**, resultando em reações sensoriais adversas, que refletem o uso impróprio da linguagem para representar o que, de fato, se deseja expressar.

## Objetivos da PNL

Considerado o primeiro tratado sobre o tema, o livro que marca a estréia da parceria entre os dois pesquisadores recebeu o polêmico título de A estrutura da magia I – um livro sobre linguagem e terapia **6**. Nele, Bandler e Grinder afirmam:

O mais sofisticado estudo do comportamento humano governado por regras é o estudo dos sistemas das línguas humanas. Especificamente, um grupo de linguistas conhecidos como gramáticos transformacionais desenvolveu um conjunto de regras que descrevem as formas que usamos para representar e comunicar nossa experiência com a linguagem. [...] O objetivo deste livro é fazer da compreensão da gramática transformacional um instrumento utilizável e à disposição daqueles que trabalham com o complexo comportamento humano (Bandler & Grinder, 1977: 22).

De acordo com a proposta dos autores, mediante a utilização das técnicas enumeradas pela PNL como instrumentos facilitadores da comunicação, o indivíduo tornar-se-ia capaz de elaborar e/ou escolher os conteúdos (*softwares*) a serem “instalados” em sua mente e “deletar” modelos e conteúdos indesejáveis (aqueles que conduziriam a resultados inadequados, comumente denominados “problemas” ou “fracassos”). Ademais, isso facilitaria, como consequência, sua comunicação com o mundo exterior.

Tais procedimentos teriam, como objetivo final, a mudança de comportamentos prejudiciais ao indivíduo por outros que ele considerasse mais apropriados. Sobre isso, Steve Andreas e Charles Faulkner, estudiosos e pesquisadores da Programação Neurolingüística, afirmam:

Recentemente, o computador chamou a atenção de cientistas e psicólogos como um modelo do nosso cérebro. Se o nosso cérebro é uma espécie de computador, então nossos pensamentos e ações são os nossos softwares. Se pudermos mudar nossos programas mentais, assim como mudamos um software ou fazemos o seu upgrade, conseguiríamos imediatamente mudanças positivas no nosso desempenho. Conseguiríamos melhorias imediatas na nossa maneira de pensar, sentir, agir e viver. A comparação com computadores também explica por que mudar, às vezes, é tão difícil. Não importa o quanto a gente queira, deseje ou espere, isso não vai fazer o upgrade do nosso cérebro. Nem ficar zangado ou digitar as mesmas instruções várias vezes seguidas vai adiantar alguma coisa. O que precisamos fazer é acrescentar novas instruções aos nossos programas atuais onde elas são necessárias (Andreas & Faulkner, 1995: 8-9).

Andreas <sup>7</sup> foi o organizador das principais obras assinadas conjuntamente por Bandler e Grinder. Responsável pela transcrição de fitas com gravações dos primeiros seminários realizados por ambos, possibilitou, em 1979, a edição americana de *Sapos em príncipes*, que se tornou um clássico da nova teoria.

No prefácio dessa obra, Andreas afirma que a PNL “*é um modelo poderoso de experiências humanas e de comunicações entre pessoas. Usando princípios da PNL é possível descrever qualquer atividade humana de maneira detalhada que permite a realização de muitas mudanças profundas e duradouras, rápida e facilmente.*” (Andreas, “Prefácio” in Bandler & Grinder, 1982: 11-12). E enumera uma série de “*coisas que você pode aprender a alcançar*” por meio da Programação Neurolingüística:

- curar fobias e outros sentimentos desagradáveis;
- auxiliar adultos e crianças com problemas de aprendizagem (silabação, leitura, etc.);
- eliminar hábitos indesejáveis, como fumar, beber e comer em excesso, insônia;
- auxiliar no ajuste de casais e famílias, dentre outras coisas.

Conclui dizendo que “*estas afirmações são fortes e os praticantes experientes da PNL podem validá-las com resultados visíveis e sólidos.*” (Id., *ibid.*).

<sup>7</sup> Steve Andreas é o pseudônimo adotado por John O. Stevens, que, na época, assinou o prefácio de *Sapos em príncipes* com seu nome original.

## 2 Metamodelo: premissa fundamental da PNL

Em - *A estrutura da magia I*, Bandler e Grinder, baseados no modelo da gramática transformacional de Noam Chomsky, apresentam o “**metamodelo**” da PNL – modelo lingüístico “exterior”, por meio do qual o indivíduo busca traduzir suas representações interiores, que constituem, segundo os autores, aquilo que chamaram de “**modelo de mundo**”:

Todas as realizações da raça humana, positivas ou negativas, envolveram o uso da linguagem. Nós como seres humanos usamos a linguagem de dois modos. Usamo-la, antes de tudo, para representar nossa experiência – chamamos essa atividade de raciocínio, pensamento, fantasia e narrativa. Quando estamos usando a linguagem como um sistema representativo, estamos criando um modelo da nossa experiência. Este modelo de mundo que criamos pelo nosso uso representativo da linguagem está baseado sobre nossas percepções do mundo.

[...] Em segundo lugar, usamos a linguagem para comunicar a outros nosso modelo ou representação do mundo. [...] Quando estamos usando a linguagem para comunicação, estamos apresentando nosso modelo a outros (Bandler & Grinder, 1977: 42-3).

Os autores definem melhor a idéia do metamodelo ao postularem que “*em outras palavras, utilizamos a linguagem para representar nossa experiência – este é um processo particular. Utilizamos, então, a linguagem para **representar nossa representação** de nossa experiência – um processo social*” (Bandler & Grinder, 1977: 42-3).

Essa “representação representada” resulta em um “modelo de um modelo”, estruturado e reconhecido como tal – daí a denominação **metamodelo**.

Baseados neste conceito, os autores afirmam que “*o metamodelo, adaptado do modelo transformacional de linguagem, fornece um método explícito para compreensão e modificação dos modelos [de mundo] empobrecidos dos pacientes*” (Bandler & Grinder, 1977: 82). E complementam:

O metamodelo que estamos apresentando é, em grande parte, inspirado pelo modelo formal desenvolvido na lingüística transformacional. Já que o modelo transformacional foi criado para responder a questões que não estão imediatamente ligadas ao modo pelo qual os humanos se modificam, nem todas as porções dele são igualmente úteis na criação de um metamodelo para terapia. Assim, adaptamos o modelo, selecionando apenas as partes relevantes para nossas finalidades e ordenando-as em um sistema adequado aos nossos objetivos em terapia (Bandler & Grinder, 1977: 65).

Cabe, pois, examinar a interpretação dos autores acerca de alguns conceitos fundamentais do modelo transformacional e, onde aplicável, sua adaptação e adequação ao metamodelo. Tal exame requer a revisão do modelo chomskyano, apresentado resumidamente nos tópicos que seguem.

## 3 A origem do modelo da Gramática Transformacional

O modelo da **Gramática Transformacional** (ou **transformativa**) é apresentado originalmente por Noam Chomsky, em seu livro *Estruturas sintáticas*, cuja primeira edição data de 1957. No prefácio da referida obra, o autor propõe a análise da estrutura lingüística a partir de:

- um “*modelo teórico de linguagem, baseado na comunicação e extremamente simples*”;
- um “*modelo mais poderoso*”, o sintagmático, baseado na análise de constituintes imediatos;
- um terceiro modelo por ele desenvolvido, “*o modelo transformacional que, em vários e importantes aspectos, é mais poderoso que o modelo de*

*constituintes imediatos*” (Chomsky, s.d.: 10), por fornecer uma descrição de determinadas relações entre frases (como, por exemplo, a relação ativa-passiva) não desveladas pelos modelos anteriormente propostos.

O autor ensinava, com suas investigações, constituir *“uma teoria da estrutura lingüística, em que os mecanismos descritivos utilizados em gramáticas particulares [fossem] apresentados e estudados de forma abstracta, sem referência específica para línguas particulares”* (Chomsky, s.d.: 13). Uma das funções da teoria proposta seria *“a de fornecer um método geral de selecção de uma gramática, para cada língua, dado um corpus de frases dessa língua”* (Id. ib.).

Na busca por uma gramática que constituísse não apenas o modelo ideal para uma determinada língua, mas para todas as línguas, Chomsky, em *Estruturas sintáticas*, partiu dos seguintes pressupostos:

- o princípio básico de que todo falante nativo é capaz de distinguir, no universo de sua língua, as seqüências gramaticais (frases) das agramaticais (não-frases);
- a condição de generalidade segundo a qual *“uma gramática de uma dada língua seja construída de acordo com uma teoria específica da estrutura lingüística, em que termos como ‘fonema’ e ‘sintagma’ sejam definidos independentemente de qualquer língua particular”* (Chomsky, s.d.: 55). Conforme exemplifica:

Uma gramática da língua L é essencialmente uma teoria de L. Qualquer teoria científica se baseia num número finito de observações, procurando relacionar os fenômenos observados e prever novos fenômenos através da construção de leis gerais em termos de conceitos hipotéticos como (por exemplo, em física) os de “massa” e “eléctron”. Do mesmo modo, uma gramática do inglês baseia-se num corpus finito de enunciados (observações) e conterá regras gramaticais (leis) formuladas em termos dos fonemas, sintagmas, etc., do inglês (conceitos hipotéticos). Estas regras exprimem relações estruturais entre as frases do corpus e o número infinito de frases geradas pela gramática, para além do corpus (previsões). O nosso problema consiste em desenvolver e clarificar os critérios para a selecção de uma gramática correcta de cada língua, isto é, a teoria correcta dessa língua (Id.: 54).

Aproximadamente uma década depois de conceber *Estruturas*, com a publicação de *Aspectos da teoria da linguagem*, em 1965, o próprio autor apontou alguns problemas metodológicos relacionados à sua tese, dentre eles: de que modo se obtém a informação acerca do conhecimento que o falante-ouvinte possui sobre sua própria língua?

Conforme destaca, tais dados não se apresentam à observação direta nem são passíveis de extração a partir de qualquer tipo conhecido de processo indutivo, uma vez que:

[...] os dados efectivos da performance lingüística, conjuntamente com as informações introspectivas (do falante nativo, ou do lingüista que tenha aprendido a língua) fornecerão uma grande quantidade de informações para determinar a correcção de hipóteses acerca da estrutura lingüística subjacente. [...] O problema para o gramático consiste em construir uma descrição e, onde possível, uma explicação para a enorme quantidade de dados indubitáveis acerca da intuição lingüística do falante nativo. Será possível perguntar até que ponto a necessidade da lingüística actual [1965] em dar tal prioridade à informação introspectiva e à intuição lingüística do falante nativo não a exclui do domínio da ciência (Id. ib.).

Mais adiante, complementa:



Embora não haja maneira de evitar o pressuposto tradicional de que a intuição lingüística do falante-ouvinte é, em última instância, o padrão que determina a exactidão de qualquer gramática, teoria lingüística, ou teste operacional propostos, deve-se sublinhar, mais uma vez, que este conhecimento tácito pode muito bem não ser imediatamente acessível àquele que utiliza a língua (Id.: 102).

Também no tocante à aquisição da linguagem, Chomsky postulou que “a criança possui uma teoria inata sobre descrições estruturais [gramaticalmente] potenciais que é suficientemente rica e desenvolvida para lhe permitir determinar, a partir de uma situação real em que ocorre um sinal, quais as descrições estruturais que podem ser apropriadas a este sinal” (Chomsky, 1975: 115). Esse aspecto, um dos mais polêmicos de sua controversa teoria, requer maior detalhamento pelas correlações implícitas presentes na concepção da PNL, conforme discutiremos a seguir.

#### 4 O aspecto instintivo da linguagem segundo Chomsky

O caráter instintivo da linguagem apontado pelo autor ainda desperta interesse na atualidade, especialmente para os estudiosos da chamada “ciência cognitiva”, que surgiu por volta dos anos 60. Dentre os pesquisadores contemporâneos, destaca-se Steve Pinker, especialista em linguagem e neurociências do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), que em 1994, quase quatro décadas após o surgimento da teoria chomskyana, corroborou tal idéia ao publicar a obra *O instinto da linguagem*, na qual afirma:

A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta sem que se perceba uma lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente. Por esses motivos, alguns cognitivistas descreveram a linguagem como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema mental ou um módulo computacional. Mas prefiro o simples e banal termo “instinto”. Ele transmite a idéia de que as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias. [...]

Pensar a linguagem como um instinto inverte a sabedoria popular, especialmente da forma como foi aceita nos cânones das ciências humanas e sociais. A linguagem não é uma invenção cultural, assim como tampouco a postura ereta o é (Pinker, 2002: 9-10) **8**

A tradução de Pinker quanto ao pensamento original de Chomsky é bastante fiel, e isso pode ser constatado ao compará-la à palestra proferida pelo lingüista, em 1996, na cidade de Brasília.

Na ocasião, Chomsky declarou ter contribuído, com sua teoria da gramática gerativa, para o desenvolvimento da chamada “revolução cognitiva” dos anos 50, cuja perspectiva, de acordo com ele, “*vê o comportamento e seus produtos não como o objeto da investigação, mas como dados que podem fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente e os modos como esses mecanismos operam ao executar ações e interpretar a experiência*”.

O autor acrescenta que “*pode ser questionado se o termo ‘revolução’ é apropriado ou não, mas houve uma importante mudança de perspectiva: do estudo do comportamento e seus produtos (textos, por exemplo) para os mecanismos internos usados pelo pensamento e pela ação humanos*” (Chomsky, 1988: 21).

Na oportunidade, reafirmou o caráter instintivo da linguagem, declarando que “*a faculdade humana da linguagem parece ser uma verdadeira ‘propriedade da espécie’, variando pouco entre as pessoas e sem um correlato significativo em qualquer outra parte.*” (Id. ib.: 17).

Chomsky alicerça sua tese na **abordagem racionalista**, que prevê posições contrárias às postuladas pelo empirismo, fundamentando-se no pensamento cartesiano:

[Descartes] chegou à conclusão [em seu Discurso sobre o método] de que o homem possui faculdades exclusivas, que não podem ser explicadas em bases puramente mecanicistas, embora em larga extensão seja possível dar uma explicação mecanicista do funcionamento e do comportamento corporais humanos. A diferença essencial entre o homem e o animal revela-se de modo mais claro na linguagem humana, em particular na capacidade humana de formar novas proposições, que exprimem novos pensamentos, apropriados a novas situações (Chomsky, 1972: 13) <sup>9</sup>.

O enfoque empirista, diferentemente, destaca que:

[...] a linguagem é essencialmente uma construção acessória, ensinada por “condicionamento” (como seria defendido, por exemplo, por Skinner ou Quine) ou por exercícios e explicações explícitas (como foi afirmado por Wittgenstein), ou construída por meio de processos elementares de “processamento de dados” (como é mantido tipicamente pela lingüística moderna [1965]), mas, de qualquer modo, relativamente independente de quaisquer faculdades mentais inatas (Chomsky, 1975: 134-135) <sup>10</sup>.

De acordo com Chomsky, a principal diferença entre os modelos racionalista e empirista está na forma como cada qual concebe a natureza do “estado inicial” da faculdade lingüística. Para ele, o primeiro “*toma o estado inicial como um sistema complexo de princípios, um esquema restritivo que especifica a gama de gramáticas possíveis*”; já o outro modelo,

[...] o interpreta como um sistema de processos de segmentação, classificação, generalização e indução, que se aplica aos dados fornecidos pela experiência para gerar uma gramática. [...] Naturalmente, é possível considerar diversos tipos de abordagens mistas, mas creio ser muito útil ter em mente esses dois modelos gerais, cada um com suas variantes possíveis, como pontos de referência (Id. ib.).

O caráter “biológico, inato e instintivo” da linguagem, conforme concebido pelo autor, é por ele justificado por meio de uma metáfora: a do “órgão de linguagem”. A idéia, apresentada em 1980, no livro *Regras e representações*, propõe a escolha de um “sistema físico” (“órgão”) que possibilitasse, por meio do estudo de sua natureza, a investigação das propriedades da linguagem referentes a: sua função, estrutura, base física, desenvolvimento no indivíduo e desenvolvimento evolutivo. Tal proposta o acompanhou ao longo dos anos, pois, na década de 90, reafirmou que:

É razoável considerar a faculdade da linguagem como um “órgão da linguagem” no sentido em que os cientistas falam de um sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório como órgãos do corpo. Compreendido desse modo, um órgão não é algo que possa ser removido do corpo, deixando o resto intacto. É um subsistema de uma estrutura mais complexa. Esperamos compreender a complexidade total investigando partes que têm características distintivas e suas interações. O estudo da faculdade de linguagem procede da mesma forma (Chomsky, 1998: 19).

Considerando que o ser humano nasce dotado de um “órgão da linguagem”, essa seria mais uma evidência a justificar seu aspecto inato – ou instintivo. Dessa forma, Chomsky postula:

<sup>9</sup> A edição original é de 1966.

<sup>10</sup> Cabe ressaltar que, em nota explicativa à p. 302, Chomsky declara que “Na realidade, não é evidente que a posição de Quine deva ser tomada como uma posição empirista, no verdadeiro sentido do termo. (...) Como confirmação adicional de uma tal interpretação anti-empirista, poder-se-ia apontar o abandono virtual por parte de Quine da teoria do reforço”.



Pressupomos ainda que o órgão da linguagem é como outros, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes. Como isso acontece é algo que permanece uma possibilidade de pesquisa para um futuro distante, mas podemos investigar de outras maneiras o “estado inicial”, geneticamente determinado, da faculdade de linguagem. Evidentemente, cada língua é o resultado da atuação recíproca de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos imaginar o estado inicial como um “dispositivo de aquisição de língua” que toma a experiência como “dado de entrada” e fornece a língua como um “dado de saída” – um dado de saída que é internamente representado na mente/cérebro. Os dados de entrada e os dados de saída estão ambos sujeitos a exame; podemos estudar o curso da experiência e as propriedades das línguas que são adquiridas (Id. ib.).

*Toda a teoria chomskyana baseia-se no pressuposto de que a faculdade lingüística humana parte de um sistema – a “gramática universal”, que caracteriza seu estado inicial/inato. Nesse sentido, o autor afirma que é possível “encarar a gramática universal como o próprio programa genético, o esquema que permite a gama de realizações possíveis que são as línguas humanas possíveis”, cada qual culminando em um ‘estado estacionário final possível, a gramática de uma língua específica’ (Id., 1981: 175).*

As características “físicas”, “biológicas” ou “genéticas”, implícitas nesse “organismo” metaforicamente concebido por Chomsky, parecem traduzir sua releitura dos escritos de Descartes, que, em suas *Notes directed against a certain programme* [1647], assim as descreveu:

[...] a vista... não apresenta mais nada senão imagens, e o ouvido não apresenta nada mais que vozes ou sons, de modo que todas estas coisas que pensamos, para além destas vozes ou imagens, como sendo simbolizadas por elas, são-nos representadas através de idéias que têm a sua única fonte na nossa faculdade de pensar, e se encontram portanto juntamente com essa faculdade inata em nós, isto é, existindo sempre em potência em nós; porque a existência em qualquer faculdade não é um acto, mas sim meramente uma existência em potência, visto que a própria palavra “faculdade” não designa outra coisa senão potência... [...] Assim as idéias são inatas no sentido de que em algumas famílias a generosidade é inata, noutras, certas enfermidades como a gota ou os cálculos, não porque, em virtude disso, as crianças dessas famílias sofram essas doenças nas entranhas das suas mães, mas sim porque nascem com um determinada disposição para as contrair [...] (Descartes apud Chomsky, 1975: 132).

Descartes afirma ainda que:

[...] nada chega à nossa mente dos objectos externos através dos órgãos dos sentidos, aparte certos movimentos corpóreos... mas mesmo estes movimentos e as figuras que deles surgem, não são concebidos por nós na forma que assumem nos órgãos dos sentidos... Logo segue-se que as idéias dos movimentos e das figuras são, elas próprias, inatas em nós. E tanto mais inatas devem ser as idéias de dor, cor, som e semelhantes, para que, na ocasião de certos movimentos corpóreos, a nossa mente possa ter essas idéias, pois elas não possuem nenhuma semelhança com os movimentos corpóreos [...] (Id. ib.).

A **aptidão inata** presente no pensamento cartesiano e reiterada pela visão chomskyana é explicitada, por meio da especulação racionalista, quando Chomsky postula que *“a forma geral de um sistema de conhecimento está antecipadamente fixada como uma disposição da mente, e que a função da experiência consiste em provocar a realização e uma diferenciação mais completa desta estrutura esquemática geral”* (Id., 1975: 135).

A oposição “aprendizado” versus “desenvolvimento” da linguagem encontra reforço no princípio do “órgão da linguagem”, e Chomsky a representa metaforicamente, constituindo, assim, a seguinte justificativa:

[...] dizemos que a criança “aprende uma língua”, e não que a linguagem se desenvolve ou amadurece. Mas nunca dizemos que o embrião ou a criança aprende a ter braços em vez de asas, ou um aparelho visual determinado, ou órgãos sexuais maduros – este último exemplo representa um desenvolvimento que consideramos ser geneticamente determinado no que tem de essencial, muito embora só ocorra bem depois do nascimento. Além disso, a diversidade de línguas conhecidas naturalmente nos impressiona. [...] na vida cotidiana, não há motivo para prestarmos atenção às uniformidades comuns a todos os indivíduos e a todas as culturas; o que nos chama a atenção são as diferenças (Chomsky. 1981: 177).

Tal oposição assumiu tamanha relevância na teoria chomskyana a ponto de o autor criar um novo termo – “cognoscimento” – para sintetizar tudo o que é sabido e conhecido pelo homem – tanto consciente como implícita/tacitamente. Sobre o assunto, Chomsky postula que:

○ cognoscimento tem a mesma estrutura e a mesma natureza que o conhecimento, porém, pode ser – e, nos casos que nos interessam, são – inacessíveis à consciência. [...] cognoscemos a gramática que constitui o estado atual de nossa faculdade lingüística, bem como os princípios que governam esse processo. Por fim, cognoscemos o esquema inato, juntamente com suas regras, princípios e condições. (Id. ib.).

Esse enfoque, somado aos outros aqui expostos, reafirma o caráter polêmico do precursor da Gramática Gerativa Transformacional. Talvez por isso, o autor tenha representado, no século passado, profícua fonte de inspiração para pensadores das mais variadas linhas relativas à linguagem.

Sua criação também serviu de base para propostas inusitadas, como a PNL. Cabe então verificar em que medida as interpretações atribuídas à sua teoria mantiveram-se fiéis ao pensamento original nessa nova concepção lingüístico-terapêutica.

## 5 Gramática Transformacional ou Gramática Gerativa?

Chomsky referiu-se pela primeira vez ao modelo **transformacional** em 1957, no prefácio da obra *Estruturas sintáticas*. O termo transformacional diz respeito às **transformações** que o modelo sugere a partir da abordagem sintagmática, visando a uma descrição mais completa da sintaxe da língua inglesa. Chomsky explica que: “*para especificar, explicitamente, uma transformação, temos de descrever a análise das seqüências a que se aplica e a modificação estrutural que efectua nessas seqüências*” (Chomsky s.d.: 92) [ex.: na língua inglesa, a transformação de uma frase afirmativa para **negativa** com o uso de **not** ou **n’t**; o uso do verbo **to do**, no caso de transformação afirmativa para **interrogativa**; ou o uso de **by + been**, no caso da transformação **ativa para passiva**]. O lingüista ainda complementa que:

Utilizando a estrutura sintagmática e as transformações, tentamos construir uma gramática do inglês que seja mais simples do que qualquer outra [sic] alternativa proposta; e não tomamos em consideração a questão de como se terá efectivamente chegado, de forma mecânica, a essa gramática, a partir de um corpus inglês, por mais extenso que seja (Id. ib.).

○ conceito de **gramática transformacional** é, por vezes, confundido ou tomado por sinônimo de **gramática gerativa** ou **gramática gerativo-transformacional**. Por essa razão, consideramos oportuno comparar as duas abordagens para maior esclarecimento.

○ modelo da gramática transformacional deu origem ao que Chomsky definiu, em 1965, como modelo da **gramática gerativa (ou generativa)**, apresentado em *Aspectos da teoria da sintaxe*, sobre o qual o autor afirma que:

[...] uma gramática de uma língua pretende ser uma descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal (Chomsky, 1975: 84). [...] Logo, uma gramática generativa deve consistir num sistema de regras que, dum modo iterativo, podem gerar um número indefinidamente grande de estruturas. Este sistema de regras pode ser analisado nas três principais componentes duma gramática generativa: as componentes sintáctica, fonológica e semântica (Id. ib.: 84).

Donde se pode afirmar que o modelo mais completo de Chomsky é, pois, conhecido como **gramática gerativo-transformacional**, **generativo-transformacional** ou, indistintamente em relação ao inicial, **gramática transformacional**. É também a partir de 1965, em *Aspectos da teoria da sintaxe*, que Chomsky apresenta os conceitos de “**estrutura profunda**” e “**estrutura superficial**” (ou de superfície) amplamente explorados no metamodelo. Desta forma, embora Bandler e Grinder mencionem explicitamente a importância do modelo transformacional na concepção do metamodelo da PNL, sua teoria baseia-se, de fato, na gramática gerativo-transformacional.

### Estrutura sintagmática

Na elaboração da gramática transformacional, Chomsky parte dos seguintes pressupostos:

uma gramática reflete o comportamento do falante que, a partir de uma experiência de língua finita e acidental, consegue produzir ou compreender um número infinito de novas frases (Chomsky, s.d.: 17);

- o estudo sintáctico de uma determinada língua tem como objectivo a construção de uma gramática que pode ser encarada como um mecanismo de produção das frases da língua em questão (Id.: 13);
- a análise lingüística de uma língua tem por objetivos: c.i) distinguir as seqüências agramaticais (não-frases) das gramaticais (frases) e c.ii) estudar a estrutura das frases;
- a descrição lingüística do nível sintáctico é formulada em termos de análise de constituintes (decomposição) (Id.: 29).

A partir dessas definições, Chomsky concebeu a **gramática transformacional** com base na estrutura sintagmática **1** da **análise de constituintes** **2** e no processo de **derivação**, que consiste na repetição da regra **XàY** (leia-se: **reescrever X como Y**, quando X for equivalente a Y), conforme esquematizado no exemplo a seguir:

#### Quadro 1 - Exemplo de derivação

**Frase** → SN (sintagma nominal) + SV (sintagma verbal)

SN → Art (artigo) + N (nome/substantivo)

SV → V (verbo) + SN (sintagma nominal → Art + N)

**Frase** → Art + N + V + Art + N

Exemplo de derivação:

F (frase): *O homem chuta a bola*

SN + SV

Art + N + SV

O + N + Verbo + SN

O + *homem* + Verbo + SN

O + *homem* + *chuta* + Art + N

O + *homem* + *chuta* + *a* + N

O + *homem* + *chuta* + *a* + *bola* (F)

**11** A estrutura sintagmática, subjacente à aplicação das chamadas regras sintagmáticas, tem por base o conceito saussureano de sintagma (qualquer combinação na cadeia da fala). O Dicionário de lingüística (DUBOIS et al) explica que “o termo sintagma é seguido de um qualificativo que define sua categoria gramatical (sintagma nominal, sintagma verbal, sintagma adjetival, etc., [abreviaturas: SN, SV, SA]. O sintagma é sempre constituído de uma cadeia de elementos e ele próprio é uma constituinte de uma unidade de nível superior; é uma unidade lingüística de nível intermediário. Assim, o sintagma nominal é o constituinte do nóculo da frase na gramática gerativa, sendo este nóculo formado pela cadeia: sintagma nominal (SN) + sintagma verbal (SV)” (p. 558).

**12** O conceito de constituinte empregado por Chomsky na gramática gerativa toma por base a definição da lingüística estrutural, segundo a qual é assim denominado “todo morfema (ou palavra) ou sintagma que entra numa construção mais vasta”. A teoria dos constituintes imediatos, tal como aplicada na gramática transformacional, foi estabelecida por L. Bloomfield, e tem como princípio que “toda frase da língua é formada não por uma simples seqüência de elementos discretos, mas de uma combinação de construções que formam os constituintes de uma frase, sendo esses constituintes, por sua vez, formados de constituintes de ordem inferior. (...) Em gramática gerativa [modelo chomskyano], chama-se gramática de constituintes, ou gramática sintagmática, uma gramática que consiste numa lista finita de elementos, em que o elemento que fica à esquerda no par [ex.: SN], formando uma categoria única, corresponde a uma seqüência finita de elementos à direita [ex.: Art + N], formando uma ou mais categorias.” (DUBOIS et al Dicionário de lingüística, p. 146-147).

A teoria transformacional objetivava obter um conjunto de regras de reescrita que, por meio dos constituintes imediatos (Art, N, V, etc.), gerassem todos os indicadores sintagmáticos (SN, SV) capazes de conduzir à seqüência terminal/frase (F). O esquema buscava evidenciar as regularidades presentes na construção de uma frase gramatical. Como bem observam os lingüistas José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo na “Introdução” da versão para a língua portuguesa de *Aspectos*:

[...] verificamos que uma das propriedades notáveis da derivação consiste no facto de cada uma das linhas que a constituem poder ser relacionada com a linha que a precede imediatamente de uma forma unívoca. Quer dizer que é possível determinar para cada um dos símbolos que constituem uma linha qual o símbolo de que ele resulta, na linha anterior (Meireles & Raposo, 1975: 31-2).

O mesmo modelo pode ser representado por um diagrama, denominado “diagrama de árvores”, conforme exemplificado a seguir:

Figura 1 – Diagrama de árvores

Para Chomsky, “o diagrama é portador de menos informação que a derivação, uma vez que não indica a ordem de aplicação” (Chomsky, s.d.: 31) do modelo de derivação por ele proposto. Assim, por meio do modelo, é possível visualizar com mais clareza a formação de constituintes:

#### Quadro 2 – Formação de constituintes

o homem = constituinte  
chuta a bola = constituinte  
a bola = constituinte

De acordo com essa concepção, “homem chuta” (SN + V) ou “chuta a” (V + Art) não representam blocos de constituintes, conforme é possível verificar pelo modelo de derivação. Dessa maneira, o autor destaca que:

No nível da estrutura sintagmática, portanto, cada frase da língua é representada por um conjunto de seqüências e não por uma única seqüência, como sucede no nível dos fonemas, dos morfemas ou das palavras. (...) A estrutura sintagmática deverá ser considerada como um único nível, com um conjunto de representações para cada frase da língua. Existe uma correspondência biunívoca entre os conjuntos de representações adequadamente escolhidas e os diagramas da forma (Chomsky, s.d.: 35).

Assim sendo, a estrutura sintagmática permitiria estabelecer certas generalizações com fins normativos para a constituição de uma gramática. Por exemplo:

$$\text{SN}_{\text{sing}} + \text{Verbo} \rightarrow \text{SN}_{\text{sing}} + \text{chuta}$$

Ou seja, a conjugação “chuta” só pode ser usada se combinada a um sintagma nominal singular (ex.: o homem, o menino, a mulher) e nunca a um sintagma nominal plural (ex.: os homens, as mulheres, os meninos).

Na visão de Meireles e Raposo, a construção de uma gramática baseada na estrutura sintagmática pretende “exemplificar ‘o processo de descoberta’ dessas regularidades através da formulação de hipóteses sucessivas”<sup>13</sup>, que serão validadas se originarem árvores bem formadas e invalidadas se gerarem árvores às quais não se possa associar uma frase gramatical da língua portuguesa, por exemplo. Isso não impede a formação de frases agramaticais, destituídas de sentido – envolvendo a questão semântica, a princípio denegada por Chomsky, como no exemplo:

A apreensão		é uma criança
<b>SN</b>	<b>+</b>	<b>SV</b>
Art + N	+	V + SN (Art + N)

A reflexão acerca da estrutura e aplicabilidade dos indicadores sintagmáticos deu origem aos conceitos de Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, apresentados a seguir.

## 6 Estrutura Profunda e Estrutura Superficial

Conforme destacamos anteriormente, os conceitos de Estrutura Profunda e Estrutura Superficial (ou de superfície), embora desenvolvidos a partir da estrutura sintagmática definida em *Estruturas* (1957), são apresentados por Chomsky somente anos mais tarde, em *Aspectos* (1965).

Tais pressupostos, afirma seu criador, foram inspirados na Lingüística Cartesiana, concebida por ele com base em:

[...] uma constelação de idéias e interesses que aparece na tradição da “gramática universal” ou “filosófica”, desenvolvida a partir da *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal (1660), na lingüística geral que surgiu durante o período romântico e na época imediatamente posterior, e na filosofia racionalista do espírito que em parte forma o fundo comum das duas.

Ao estudar tal abordagem, pretende “chamar a atenção dos estudiosos ocupados no estudo da gramática gerativa e suas conseqüências, para o trabalho, pouco conhecido, que afeta suas preocupações e problemas, e com freqüência antecipa algumas de suas conclusões particulares” (Chomsky, 1972: 10).

Já a Gramática de Port-Royal, conforme Chomsky, pressupõe, assim como seu próprio modelo, a Gramática Gerativa, uma estrutura universal que julga ser a forma geral de todas as gramáticas possíveis, elaborada a partir da maneira natural como exprimimos nossos pensamentos (“*la manière naturelle en laquelle nous exprimons nos pensées*”, destaque nosso).

Em uma analogia com o pensamento cartesiano frente à dicotomia corpo/ espírito, Chomsky destaca que:

<sup>13</sup> MEIRELES, José Antônio e RAPOSO, Eduardo Paiva. “Introdução” in *Aspectos da teoria da sintaxe*, p. 35, 1975.

[...] a lingüística cartesiana tem dois aspectos. Em particular, pode-se estudar um sinal lingüístico do ponto de vista dos sons que o constituem e dos caracteres que representam estes sinais **[aspecto físico/corpo]**, ou do ponto de vista de sua ‘significação’ **[aspecto espiritual/imaterial]**, isto é ‘la manière dont les hommes s’en servent pour signifier leurs pensées’ (Grammaire générale et raisonnée, p. 5) [‘a maneira como os homens se servem dele para significar seus pensamentos’] (Chomsky, 1972: 44 [destaque nosso]).

De onde conclui que:

Em resumo, a linguagem tem um aspecto interno e um aspecto externo. Uma frase pode ser estudada do ponto de vista da maneira como exprime um pensamento ou do ponto de vista de sua forma física, isto é, do ponto de vista da interpretação semântica ou da interpretação fonética.

Usando uma terminologia recente, podemos distinguir a “estrutura profunda” de uma frase de sua “estrutura de superfície”. A primeira é a estrutura abstrata subjacente que determina sua interpretação semântica; a última é a organização superficial de unidades que determina a interpretação fonética e se relaciona com a forma física da expressão oral real, sua forma percebida ou intencional. Nestes termos, podemos formular uma segunda conclusão fundamental da lingüística cartesiana, a saber, que as estruturas profunda e de superfície não precisam ser idênticas. A organização subjacente de uma frase, que tem importância para a interpretação semântica, não é necessariamente revelada pelo arranjo real e pelo método da expressão de seus componentes (Chomsky, 1972: 45).

Os termos “aspecto interno” e “aspecto externo” foram inspirados nos conceitos humboldtianos de “forma interna” e “forma externa” de uma frase, conforme destaca Chomsky:

Contudo, [...] adotei a terminologia mais neutra para evitar aqui a questão da interpretação textual. Os termos “gramática de profundidade” e “gramática de superfície” são familiares na filosofia moderna com sentido bastante próximo daquele que pretendemos aqui [...]; Hockett utiliza uma terminologia semelhante na sua discussão sobre a não-adequação da lingüística taxinômica (Hockett, 1958, Capítulo 29). Postal usou os termos “estrutura subjacente” e “estrutura superficial” (Postal, 1964b) para as mesmas noções (Chomsky, 1975: 297-8).

O autor observa ainda que a lingüística estrutural taxinômica baseia-se no pressuposto de que ambas as estruturas – tanto a profunda quanto a superficial – são efetivamente a mesma. Entretanto, rebate, insistindo que:

[...] a idéia central da gramática transformacional é a de que elas são, em geral, distintas, e de que a estrutura de superfície é determinada pela aplicação repetida de certas operações formais chamadas ‘transformações gramaticais’ sobre objetos de natureza mais elementar. Se isto for verdadeiro (como eu considero a partir deste momento), então a componente sintática deve gerar, para cada frase, uma estrutura profunda e uma estrutura de superfície e deve relacioná-las (Chomsky, 1975: 98).

O enfoque chomskyano assemelha-se ao da gramática de Port-Royal não apenas por buscar um modelo de gramática universal, mas especialmente no tocante à questão da significação. Para Chomsky, uma gramática do tipo gerativa deve “tentar realizar uma formulação explícita dos processos ‘criativos’ da linguagem”, constituindo um “sistema de regras que, de um modo explícito e bem definido, atribui descrições estruturais a frases” (Chomsky, 1975: 88-9), para cada língua natural.

Desse modo, a gramática gerativa busca descrever a competência do falante nativo, a partir do conhecimento de uma língua (compreendendo, pois, seu repertório e suas regras) e de sua capacidade de empreender um número infinito de frases, levando em conta as componentes sintática, fonológica e semântica.

As componentes fonológica e semântica têm relação entre si e operam mediante às propriedades e regras de formação inerentes à componente sintática:



A componente fonológica duma gramática determina a forma fonética duma frase gerada pelas regras sintáticas. [...] A componente semântica determina a interpretação semântica duma frase. Quer dizer, relaciona uma estrutura gerada pela componente sintática com uma determinada representação semântica. Ambas as componentes, a fonológica e a semântica, são portanto [sic] meramente interpretativas. Cada uma utiliza informações fornecidas pela componente sintática, dizendo respeito aos formativos, às suas propriedades inerentes e às suas inter-relações numa dada frase. Conseqüentemente, a componente sintática duma gramática deve especificar, para cada frase, uma **estrutura profunda** que determina sua **interpretação semântica** e uma **estrutura de superfície** que determina a sua **interpretação fonética**. A primeira destas é interpretada pela componente semântica; a segunda, pela componente fonológica (Chomsky, 1975: 98 [os destaques são nossos]).

O diagrama reproduzido por Meireles e Raposo, lingüistas portugueses responsáveis pela tradução de Aspectos, ilustra essa definição, tornando-a mais facilmente compreensível, conforme apresentado a seguir:

### Figura 2 – Diagrama de Meireles e Raposo

Em relação ao esquema apresentado, ambos esclarecem:

Este esquema indica que, para cada frase, as regras de base se aplicam para gerar a estrutura profunda respectiva. Sobre esta estrutura profunda aplicam-se, em sucessão, as transformações, derivando outros tantos Indicadores Sintagmáticos intermédios. Depois de aplicada a última transformação obtém-se a estrutura de superfície da frase (Meireles & Raposo, 1975: 59)

A reflexão acerca do papel das transformações para desvelar a estrutura superficial subjacente a uma dada estrutura profunda torna claro que as regras empregadas na constituição de uma gramática não são suficientes para criar um modelo capaz de constituir, exclusivamente, seqüências gramaticais (frases), ressaltando a relevância da componente semântica que, em Estruturas, Chomsky tentou ignorar. Sobre isso, Meireles e Raposo destacam que:

A componente semântica (conjunto de regras e estruturas que contribuem para a representação semântica) é concebida como uma componente interpretativa. Isto é, ao contrário da componente sintáctica da gramática, que é uma componente generativa, ou seja, que, a partir de uma categoria gramatical primeira, a Frase, gera as várias estruturas sintáticas já analisadas, a componente semântica, nesta perspectiva, mais não faz do que interpretar a estrutura profunda já gerada pela componente sintáctica, mais especificamente, pelas regras de base. Como se disse atrás, a estrutura profunda, para este efeito, deve não só possuir todos os elementos pertinentes para esta interpretação, mas também formular claramente a relação entre esses elementos que é pertinente para essa mesma interpretação. Isto pressupõe, por outro lado, a existência de uma teoria semântica universal cuja “linguagem” seja independente da “linguagem sintáctica”, e que permita uma representação semântica das frases independentemente da língua a que essas frases pertençam (Meireles & Raposo, 1975: 61).

Cabe ressaltar que as terminologias “estrutura profunda” e “estrutura de superfície”, tais como concebidas por Chomsky, referem-se exclusivamente ao contexto da abordagem gerativa, de acordo com um sistema de regras que busca estabelecer relações entre a sintaxe, a fonologia e a semântica. Sua aplicação no âmbito das ciências da linguagem, contudo, deu origem a uma série de mal-entendidos, conforme destaca Pinker:

Quem freqüenta coquetéis sabe que uma das principais contribuições de Chomsky para a vida intelectual é o conceito de “estrutura profunda”, junto com as “transformações” que a convertem numa “estrutura de superfície”. Quando Chomsky introduziu esses termos no ambiente behaviorista de inícios dos anos 60, a reação foi fantástica. Estrutura profunda passou a referir tudo que fosse oculto, profundo, universal ou significativo, e logo em seguida falava-se da estrutura profunda da percepção visual, de histórias, mitos, poemas, pinturas, composições musicais etc. Infelizmente cabe a mim divulgar que a “estrutura profunda” é um artifício técnico prosaico em teoria gramatical. Não é o significado de uma sentença, nem o que todas as línguas humanas têm em comum. Embora a Gramática Universal e estruturas sintagmáticas abstratas pareçam ser os aspectos permanentes da teoria gramatical, muitos lingüistas – inclusive, em seus mais recentes escritos, o próprio Chomsky – acreditam que a estrutura profunda per se é dispensável. Para desestimular todo o tumulto gerado pela palavra “profundo”, os lingüistas agora costumam referir-se a isso como “estrutura -d” [de deep, destaque nosso] (Pinker, 2002: 143).

Malgrado qualquer distorção semântica, verificaremos a seguir a interpretação que os conceitos receberam na elaboração do metamodelo da PNL e na aplicação por meio da modelagem.

## 7 A Gramática Gerativo-transformacional na visão de Bandler e Grinder

Buscando elaborar um **metamodelo**, Bandler e Grinder afirmam ter tomado como **modelo** a **gramática transformacional**, conforme concebida por Chomsky. O metamodelo da PNL busca oferecer ao indivíduo, por meio da exploração da linguagem, um enfoque terapêutico visando a um modelo de mundo mais amplo, que permita ao paciente alcançar novas interpretações semânticas em relação a suas experiências.

Sobre o assunto, afirmam os autores que “a terapia bem sucedida envolve modificações”. Justificam ainda que “o metamodelo, adaptado do modelo transformacional de linguagem, fornece um método explícito para compreensão e modificação dos modelos empobrecidos dos pacientes” (Bandler e Grinder, 1977: 82). E complementam que:

O metamodelo que estamos apresentando é, em grande parte, inspirado pelo modelo formal desenvolvido na lingüística transformacional. Já que o modelo transformacional foi criado para responder a questões que não estão imediatamente ligadas ao modo pelo qual os humanos se modificam, nem todas as porções dele são igualmente úteis na criação de um metamodelo para terapia. Assim, adaptamos o modelo, selecionando apenas as partes relevantes para nossas finalidades e ordenando-as em um sistema adequado aos nossos objetivos em terapia (Bandler e Grinder, 1977: 65).

Cabe, pois, examinar a interpretação dos autores acerca de alguns conceitos fundamentais do modelo transformacional e, onde aplicável, sua adaptação e adequação ao metamodelo.

No capítulo 2 da obra *A estrutura da magia I*, intitulado “A estrutura da linguagem”, os criadores da PNL expõem resumidamente sua interpretação sobre a abordagem chomskyana no tocante à criação de uma gramática universal, destacando que:

A linguagem serve como um sistema representativo para nossas experiências. Nossas experiências possíveis, enquanto humanos, são tremendamente ricas e complexas. Se a linguagem é adequada a preencher sua função como um sistema representativo, ela própria precisa fornecer um conjunto rico e complexo de expressões para representar nossas experiências possíveis. Os gramáticos transformacionais reconheceram que abordar o estudo dos sistemas das línguas naturais por meio do estudo direto deste conjunto rico e complexo de expressões tornaria sua tarefa homérica\*. Escolheram estudar não as expressões em si, mas as regras para a formação destas expressões (sintaxe). Os gramáticos transformacionais fazem a suposição simplificada de que as regras para a formação deste conjunto rico de expressões podem ser estudadas independentemente do conteúdo (Bandler e Grinder, 1977: 45-46) .

Em relação à intuição lingüística própria do falante nativo, presente no modelo da gramática transformacional, Bandler e Grinder postulam que:

[...] as pessoas têm intuições coerentes sobre a língua que falam” ainda que “comumente não [estejamos] conscientes do processo de seleção das palavras para representar nossa experiência. Quase nunca estamos conscientes do modo pelo qual ordenamos e estruturamos as palavras que selecionamos. [...] Embora tenhamos pouca ou nenhuma consciência do modo pelo qual formamos nossa comunicação, nossa atividade – o processo de usar a linguagem – é altamente estruturada (Bandler e Grinder, 1977: 46 e 43).

De onde concluem:

Os gramáticos transformacionais criaram um modelo que representa esse comportamento governado por regras – essas intuições coerentes sobre as frases. O modelo formal em lingüística fornece uma solução quanto a se um determinado grupo de palavras, por exemplo, é ou não uma frase. O modelo transformacional representa também outros tipos de intuições lingüísticas. Já que o modelo é uma descrição do comportamento humano governado por regras, o modo pelo qual determinamos se as regras do modelo se ajustam ou não é examinando-as em relação às intuições dos falantes nativos – intuições acessíveis a todo falante nativo. [...] O propósito do modelo transformacional da linguagem é representar os padrões nas intuições que temos sobre nosso sistema de linguagem (Bandler e Grinder, 1977: 46-47).

Assim, a partir do modelo proposto por Chomsky, baseado na criação de um sistema para o estudo das línguas, Bandler e Grinder propõem a adaptação das regras ali apresentadas visando à criação de um conjunto de regras aplicáveis ao estudo do comportamento humano; conforme observam:

**14** Coerente com o conceito de língua apresentado por Chomsky como um conjunto – finito ou infinito – de frases de extensão finita construídas a partir de um conjunto de elementos (fonologia, léxico, sintaxe, etc.).

Dizer que a comunicação e a linguagem são um sistema é dizer que elas têm estrutura, que existe algum conjunto de regras que identifica qual seqüência de palavras fará sentido, representará um modelo de nossa experiência. Em outras palavras, nosso comportamento, quando está criando uma representação, ou quando está comunicando, é o comportamento governado por regras. Mesmo que não estejamos conscientes da estrutura no processo de representação e comunicação, essa estrutura, a estrutura da linguagem, pode ser entendida em termos de padrões regulares.

Felizmente, há um grupo de teóricos que fez da descoberta e da declaração explícita destes padrões o assunto de seu estudo, a gramática transformacional. De fato, os gramáticos transformacionais desenvolveram o mais completo e sofisticado modelo explícito do comportamento humano governado por regras. A noção de comportamento humano governado por regras é a chave para a compreensão do modo pelo qual nós, humanos, usamos a linguagem (Bandler e Grinder, 1977: 44).

Referindo-se aos exemplos extraídos *ipsis litteris* de Chomsky em Estruturas sintáticas (1. "Colorless green ideas sleep furiously" e 2. "Furiously sleep ideas green colorless"), os criadores da PNL destacam:

Muito embora haja algo de estranho quanto ao primeiro grupo de palavras, as pessoas reconhecem que, de certo modo, é gramatical ou bem formado, o que não o é o segundo grupo. O que estamos aqui demonstrando é que **as pessoas têm intuições coerentes sobre a língua que falam**. Por intuições coerentes, queremos dizer que **a mesma pessoa posta diante do mesmo grupo de palavras hoje, e novamente um ano após esta data, fará os mesmos julgamentos sobre se elas são uma frase bem estruturada de sua língua**. Além disso, falantes nativos diferentes farão os mesmos julgamentos sobre se o mesmo grupo de palavras é uma frase ou não. Esta capacidade [intuitiva e coerente] é um exemplo clássico do comportamento humano governado por regras. Embora não estejamos conscientes de **como** somos capazes de nos comportar coerentemente [de acordo com o que falamos/pensamos – ou seja, de acordo com nossa fala/linguagem], ainda assim o fazemos (Bandler e Grinder, 1977: 46 e 43 [destaque nosso]).

Mediante os trechos selecionados, é possível observar que o caráter intuitivo da linguagem e a sistematização das línguas por meio do modelo proposto pela gramática transformacional foram interpretados por Bandler e Grinder de acordo com os conceitos originais propostos por Chomsky.

O metamodelo da PNL, visando à criação de um sistema que permita ao paciente vislumbrar, mediante seu discurso, novas opções de comportamento, baseia-se, pois, no modelo lingüístico da gramática transformacional, segundo a qual o ser humano seria capaz de distinguir, intuitiva e coerentemente, entre frases bem formadas ou não.

Da mesma maneira, segundo os autores, o paciente seria capaz de escolher, por meio do metamodelo, dentre várias opções de comportamento reveladas pelas possíveis interpretações semânticas extraídas a partir de suas enunciações, aquelas apropriadas a uma dada situação em detrimento de outras consideradas inadequadas. Cabe examinar o papel da derivação relacionada ao conceito de metamodelo .

## 8 O processo de derivação: Estrutura Superficial, Estrutura Profunda e sua aplicabilidade no metamodelo da PNL

Bandler e Grinder utilizam os conceitos de **Estrutura Superficial** e **Estrutura Profunda** na formulação do metamodelo, de modo a proporcionar ao paciente, como resultado final, um modelo de mundo "mais rico"; isso à medida que o processo de derivação revela ao indivíduo novas informações a partir de indagações adequadas acerca de uma dada enunciação por ele proferida. Segundo seu entendimento,

[...] cada frase, dentro do modelo transformacional, é analisada em dois níveis de estrutura, correspondentes a dois tipos coerentes de intuições que os falantes nativos têm: Estrutura Superficial – na qual se dá uma representação de estrutura em árvore às suas intuições sobre a estrutura coerente – e Estrutura Profunda – na qual se dão suas intuições, sobre o que é uma representação completa das relações semânticas lógicas. Já que o modelo dá duas representações para cada frase (Estrutura Superficial e Estrutura Profunda), os lingüistas têm o encargo de expor, explicitamente, como estes dois níveis se ligam. O modo pelo qual eles representam esta ligação é um processo ou derivação que é uma série de transformações (Bandler e Grinder, 1977: 51).

Por meio de sucessivas transformações de um enunciado – proposto inicialmente pelo paciente, em Estrutura Superficial – constitui-se um conjunto de frases bem-estruturadas em sua língua nativa. Esse conjunto de frases, quando adequadamente estruturado, poderá proporcionar ao paciente outras interpretações sobre seus pensamentos e ações, contribuindo para a expansão de seu modelo de mundo a partir do acervo de suas próprias experiências, mediante novas escolhas, o que lhe permitirá adotar novos comportamentos.

Os autores definem **transformação** como “uma exposição explícita de um tipo de padrão que os falantes nativos reconhecem dentre as frases de sua língua”, e **derivação** como “uma série de transformações que liga a Estrutura Superficial à Estrutura Profunda” (Bandler e Grinder, 1977: 51). Nota-se, pois, que as interpretações dos conceitos de **Estrutura Profunda**, **Estrutura Superficial**, **transformação** e **derivação**, quando comparadas com os propostos originalmente por Chomsky para a Gramática Gerativo-transformacional, apresentam correspondência.

Baseando-se nas trocas verbais que ocorrem entre paciente e terapeuta na maioria das formas de terapia, o objetivo final que ambos almejam pode ser definido como a busca de mudanças de padrões/comportamentos considerados inadequados e/ou indesejáveis por parte do paciente. Como enfatizam os criadores da PNL:

Uma das características comuns do encontro terapêutico é que o terapeuta tenta descobrir para que o paciente veio à terapia; o que o paciente quer modificar. Em nossos termos, o terapeuta está tentando descobrir que modelo de mundo tem o paciente. Quando os pacientes comunicam seus modelos, o fazem em Estruturas Superficiais. [...] A maneira pela qual o paciente utiliza a linguagem para comunicar seu modelo/representação está sujeita aos processos universais da modelagem humana, tal como [a] eliminação [dentre outros descritos a partir dos tópicos subseqüentes]. A própria Estrutura Superficial é uma representação da representação lingüística completa da qual derivou – a Estrutura Profunda (Bandler e Grinder, 1977: 65-66).

De acordo com os autores, um modelo “enriquecido” de mundo é capaz de desvelar – a partir da Estrutura Superficial – um novo sentido, que permite vislumbrar outros aspectos (conseqüentemente, possíveis soluções), alcançando a Estrutura Profunda – ante uma situação conflitante (problema). Para viabilizar tais mudanças, visando à passagem de um modelo “empobrecido” de mundo para sua versão mais ampla, Bandler e Grinder sugerem a recuperação dos conteúdos subjacentes às mensagens expressas pela Estrutura Superficial:

No caso onde [sic] o processo lingüístico de eliminação ocorreu, a descrição verbal resultante – a Estrutura Superficial – está necessariamente ausente para o terapeuta. Este pedaço também pode estar ausente do modelo consciente que o paciente tem do mundo. Se faltam pedaços no modelo da experiência do paciente, este está empobrecido. Os modelos empobrecidos, como afirmamos antes, implicam opções limitadas para o comportamento. À proporção que as partes ausentes são recuperadas, inicia-se o processo de modificação dessa pessoa.

O primeiro passo para o terapeuta é ser capaz de determinar se a Estrutura Superficial do paciente é uma representação completa da representação lingüística plena, da qual se derivou – a Estrutura Profunda (Bandler e Grinder, 1977: 66).

Os autores destacam que a Estrutura Superficial deriva da Estrutura Profunda; embora essa possa ser considerada, segundo eles, “a mais completa representação lingüística do mundo”, não é o próprio mundo, representando apenas o somatório de todas as experiências acumuladas pelo paciente/enunciador. Observam ainda que não cabe ao terapeuta empreender qualquer tipo de juízo de valor em relação aos comportamentos adotados pelos pacientes, uma vez que eles

[...] estão, na realidade, fazendo as melhores escolhas disponíveis em seu próprio modelo particular. Em outras palavras, o comportamento dos seres humanos, não importa quão bizarro possa parecer à primeira vista, faz sentido quando é visto no contexto das escolhas geradas por seu modelo. O problema não é que estejam fazendo a escolha errada, mas sim que não têm escolhas em número suficiente – não têm um enfoque rico do mundo. O paradoxo mais comum da condição humana que encontramos é que os processos que nos permitem sobreviver, crescer, modificar-nos e sentir alegria são os mesmos processos que nos permitem manter um modelo empobrecido de mundo – nossa habilidade para manipular símbolos, isto é, criar modelos. Então os processos que nos permitem executar as mais extraordinárias e incomuns atividades humanas são os mesmos processos que bloqueiam nosso crescimento posterior, se cometemos o erro de tomar o modelo pela realidade. Podemos identificar três mecanismos gerais pelos quais fazemos isto: Generalização, Eliminação e Distorção (Bandler e Grinder, 1977: 35-36).

Conforme observam os autores, cada indivíduo cria uma representação interna – um **modelo de mundo**, simulacro de realidade – a partir de suas próprias experiências. Ao “representar essas representações” por meio da linguagem, constitui seu **metamodelo**.

As transformações permitem a exploração do metamodelo a partir dos níveis mais simples e concretos – enunciados apresentados no discurso do Sujeito em **Estrutura Superficial** – aos níveis mais complexos e elaborados – novos significados resgatados pela **Estrutura Profunda**. Desta forma, o processo de derivação revela novos conteúdos semânticos que podem ser aceitos pelo paciente e adaptados ao seu modelo de mundo. Ante tais constatações, é possível afirmar que a PNL baseou-se consistentemente nos princípios da Gramática Gerativo-transformacional, constituindo o metamodelo, como proposto, um operador eficaz na direção do aprofundamento do sentido.



- ANDREAS, Steve; FAULKNER, Charles. *PNL: a nova tecnologia do sucesso*, Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- BANDLER, Richard. *The structure of magic II: a book about communication and therapy*, Palo Alto: Science and Behavior Books, 1976.
- \_\_\_\_\_, Richard; GRINDER, John. *A estrutura da magia I: um livro sobre linguagem e terapia*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.
- CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*, Lisboa: Edições 70, s.d.
- \_\_\_\_\_, Noam. *Lingüística Cartesiana*, São Paulo: Edusp, 1972.
- \_\_\_\_\_, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*, Coimbra: Armênio Amado, 1975.
- \_\_\_\_\_, Noam. *Regras e representações*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_, Noam. *Linguagem e mente*, Brasília : Universidade de Brasília, 1998.
- DILTS, Robert et al. *Neuro-linguistic programming vol. I: the study of the structure of subjective experience*. Capitola: Meta Publications, 1980.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*; São Paulo: Cultrix, 1993.
- LYONS, John. *As idéias de Chomsky*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- O'CONNOR, Joseph; SEYMOUR, John. *Introdução à programação neurolingüística: como entender e influenciar as pessoas*. São Paulo: Summus, 1995.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SPRITZER, Nelson. *Pensamento e mudança*. Porto Alegre: L&PM, 1993.